

OS NOVOS ATENIENSES: Apropriação do imaginário da Atenas Brasileira na Primeira República

André Gusmão da Rocha¹

Inicialmente, o que se pretende abordar neste artigo é problematizar o campo intelectual maranhense na primeira República, do ponto de vista cultural, o que significa investigar os meios de apropriação cultural, enquanto produtores literários e portadores de legitimidade cultural, artística e intelectual, e do ponto de vista simbólico, significando aprofundar literalmente como esses intelectuais se apropriaram do ideário da Atenas Brasileira como estratégia de consagração e, também, entender o que significou a elaboração desse ideário no século XIX.

Proponho desenvolver aqui, além dessas temáticas já enunciadas, articular como a elite letrada se constituiu como Atenas Brasileira e que fatores sociais fizeram com que eles se apropriassem de diferentes posições em cargos públicos. Assim, tomando como base os fundamentos sociológicos, a formação de determinado grupo de intelectuais se organiza a partir de posições que ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual. Nesse âmbito as classes dirigentes ou dominantes se agregam entre si, e constroem dentro da sociedade algo para se afirmar e consolidar. Com isso adquirem *status* e legitimidade intelectual. Segundo Bourdieu:

Esta ciência comporta três momentos necessários que mantêm entre si uma relação de ordem tão estrita quanto os três níveis da realidade social que aprendem. Primeiramente uma análise da posição dos intelectuais e dos artistas na estrutura da classe dirigente. Em segundo lugar, uma análise da estrutura das relações objetivas entre as posições que os grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade intelectual ou artística ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual. [...] O terceiro e último momento corresponde à construção do 'habitus' como sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (BOURDIEU, 2007, p. 191).

A formação da elite letrada no Maranhão

A partir desta citação acima, empreendemos que o grupo intelectual maranhense se legitimou e se consolidou nos segmentos da província devido às posições² que ocuparam nas

¹ Estudante de História Bacharelado da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

estruturas intelectual e burocrática do estado. Tais posições se constituíam simbolicamente através das suas próprias condições de classe, ou seja, o espaço onde eles se afirmaram havia uma parcela ínfima da sociedade que detinha o poder, a qual era representada pelas elites maranhenses, visto que foram significantes proporcionadoras pela elevação dos intelectuais a importantes cargos públicos.

Antes de tratarmos como se organizou esse grupo de intelectuais no Maranhão, pensamos, primeiramente, que agentes sociais geraram esses homens de letras? Sem dúvida, as elites maranhenses, que em decorrência da expansão econômica, apropriaram-se da riqueza produzida pelo sistema agroexportador, desenvolvida no fim do século XVIII e desfrutada em parte do século XIX, possibilitando assim migrar seus filhos para a Europa com o propósito de adquirirem uma educação requintada, firmada nos costumes orientados por uma noção de civilização muito característico do período setecentista. Nesse caso, Regina Faria (2001, p.61) afirma que “a riqueza gerada pelo sistema agroexportador, concentrada nas mãos de uma elite de fazendeiros e comerciantes, possibilitou-lhes mandar educar na Europa os filhos, que, ao retornarem, tornavam-se propulsores de uma intensa vida intelectual em São Luís”.

Percebe-se então, o que possibilitou a constituição de uma elite letrada no Maranhão foi proporcionado pela própria aristocracia local, contudo favorecido principalmente pelo momento de euforia econômica do sistema agroexportador. Por pertencerem a uma casta de famílias nobres, esses intelectuais tiveram a oportunidade de ingressarem nas universidades europeias e de se tornarem bacharéis. Dentre as diferentes formações acadêmicas, o campo das letras foi um dos principais motivos para que eles adquirissem importância intelectual, notoriedade e legitimidade cultural. Nesse sentido, vemos que:

O crescimento econômico pelo qual passou o Maranhão em fins do século XVIII e início do XIX, com destaque para a intensificação da cultura algodoeira, aqueceu o comércio da província, principalmente da capital São Luís. Este fator contribuiu para que a elite da província adquirisse novos hábitos e costumes, propiciando, aos seus filhos, instrução na cidade, em escolas locais, e para os mais remediados, o estudo fora do país, nas faculdades europeias (DINIZ, 2008, p. 23).

Como vimos, o campo das letras foi o ambiente no qual os intelectuais se alicerçaram, uma vez que o título de bacharel foi um fator preponderante para que eles conseguissem

² A noção de posição dependendo do contexto pode ser interpretada por diferentes olhares, neste caso assimilo posição também como uma estratégia de consagração, visto que os intelectuais maranhenses não somente legitimaram espaços, sejam nas estruturas do campo intelectual, administrativo, político ou econômico, mas também se apropriaram dos capitais simbólicos para obterem reconhecimento e *status*.

expressivas posições nos espaços administrativos, políticos e econômicos. Sem dúvida a formação acadêmica foi muito importante naquele momento, pois diante de uma sociedade escravista, segmentada e que mais da metade era analfabeta, aqueles que absorviam conhecimentos apreendidos em instituições de ensino secundários e/ou superiores (principalmente em universidades europeias), se destacavam tanto pelas relações facultativas ou acadêmicas, quanto pela ‘origem’ ou pertencimento de classe. Tudo Isso foi proporcionado depois de terem estudado na Europa e quando aqueles intelectuais voltam para a província, eles “vêm reivindicar, de forma mais aberta, duas coisas que somariam para a construção de uma identidade diferenciadora dos demais: seria, além de bacharel, o lugar de intelectual, os homens das letras e o seu espaço no aparelho burocrático do Estado” (OLIVEIRA, p. 138, 2006).

O mito da Atenas Brasileira como um referencial simbólico³

Não obstante, os intelectuais vão construir dentro da cultura maranhense do século XIX, um referencial simbólico, apoiado na superioridade da língua e da escrita. Esse referencial é que sustentará a imagem da Atenas Brasileira, associando as letras como veículo de construção de sua mitologia. Nesse caso, a “‘Atenas Brasileira’ nasceu a partir de seu passado de fortes raízes lusitanas, cultuando métrica, clássicos da literatura portuguesa e hermetismo linguístico” (BORRALHO, 2009, p.35). Com isso:

O imaginário de ‘Atenas Brasileira’ foi, assim, uma elaboração que buscou inserir a província no nascente Estado brasileiro, porém mantendo uma distinção que, em última análise, remetia aos vínculos privilegiados que a mesma tivera com a Europa. Porém, a palavra secreta que está por trás da formulação é evidentemente Portugal, sinônimo de civilização para esses grupos sociais. (NASCIMENTO, 2011, p. 07)

A ideia da Atenas Brasileira surgiu na década de quarenta do século XIX, tendo como base a atuação de um grupo de intelectuais posteriormente denominados de “Grupo Maranhense” (1832-1868). A princípio, a proposta de sua criação teve como objetivos: proporcionar a São Luís “o codinome de Atenas Brasileira, inculcar na sociedade a imitação dos padrões clássicos da civilização ocidental, de se tornar um referencial identitário, buscar

³ Nesse sentido, referencial simbólica está relacionado a questão de poder, uma vez que esse poder é adquirido através das letras e dessa forma a elite intelectual se alicerça e se consolida nessa estrutura culturalmente apreendida. Ver BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

legitimidade intelectual, notoriedade, e além do mais, evocar nomes-símbolos, como a terra e, sobretudo o homem” (OLIVEIRA, 2006: p.139).

Pensando o título atribuído a São Luís como “Atenas Brasileira”, agregado a um estereótipo como se toda a sociedade fosse letrada. Satiricamente, isso não passou de uma simples referência de titulação, incorporado somente no imaginário popular, porém naquele momento (século XIX) não se configurou com a realidade social, pois a maioria da população ludovicense era analfabeta e vivia nas encostas do escravismo. Todavia, a Atenas Brasileira, enquanto uma representação mitológica “foi à manifestação mais preconceituosa e aristocrática dos senhores: proprietários, governantes e dominantes que acabou transmitida socialmente através dos mecanismos culturais referendários da organização estrutural da organização humana” (CORRÊA, 1993, p. 113 *Apud* BORRALHO, 2009, p.48).

A elite intelectual do Maranhão teve como papel expressivo articular sobre a realidade maranhense – experimentado em obras e artigos de jornal – e que foi caracterizada pela crise do sistema algodoeiro. Todavia, essa conjuntura econômica do Maranhão teve como motivos fundamentais; a proibição do tráfico internacional de escravos (1850) e, posteriormente, com o ápice da crise, a abolição da escravidão (1888) e o fim do império (1889). O discurso da crise nesse sentido - evidenciado a partir da segunda metade do século XIX - além de marcar o sistema econômico da Província através da estagnação econômica, se estendera também no âmbito cultural e na política. Nesse caso, percebe-se expressiva decadência⁴ na estrutura do campo intelectual, contudo ostentaram o semióforo (a “Atenas Brasileira”) em virtude da evocação ao passado de glória e a projeção do futuro de sonhos. Eduardo de Oliveira constata que:

[...] o presente não é mais suficiente para preencher a relação do homem com sua terra, precisa-se de uma identidade, de uma liga que dê valor à relação homem – terra. Entra então em vigor o culto ao passado e a projeção de um futuro de sonhos, talvez não negando o presente, mas desconsiderando o seu valor, em detrimento das glórias de outrora (OLIVEIRA, 2006, p. 140-141).

A partir dessa relação com o passado de glórias, associado a “idade de ouro” do antigo sistema econômico do Maranhão e também aos homens de letras, “se alicerça o mito da “Athenas Brasileira”, que seria a tentativa de se construir um mito diferenciador de uma realidade que não mais se distinguia pelos aspectos econômicos, contudo possuía um passado de glória para se exaltar” (OLIVEIRA, 2006, p. 141).

⁴ Sobre o discurso da decadência, ver Manoel Barros Martins (2006).

A Atenas Brasileira não obstante, confere assim uma identidade social, e uma tentativa de salvaguardar no “imaginário maranhense” os clássicos da literatura local. Embora a decadência econômica tenha causado nostalgia nas elites econômicas, perpassa também nas entranhas da elite intelectual. Tendo em vista, um mero discurso que se propagava pelas mesmas elites, e introduzia assim na sociedade como um todo, como se ela (a sociedade) fazia parte deste discurso:

A verdade é que o binômio decadência-prosperidade regia as interpretações sobre o Maranhão e o maranhense. Decadência e Atenas constituíam idéias-chave que embasavam os discursos de políticos, intelectuais, escritores, poetas, etc., um discurso que se reproduzia transformando-se em verdade. Aquilo ou aquele em relação ao qual não se concordava, frequentemente era impresso como símbolo da decadência do Estado, da cidade, sendo que, um outro (seu opositor) traria os tempos áureos de Atenas. Não raro, ambas as partes se apropriavam de um único discurso (BARROS, 2005, p. 79).

A Atenas Brasileira: um legado simbólico para os “novos atenienses”

Ao longo da Primeira República (1889-1930), a Atenas Brasileira passa a ser incorporada por uma nova elite de intelectuais, que se auto-intitulavam “novos atenienses”. Este grupo de letrados sucessores dos atenienses do passado, reapropriaram-se do ideário da Atenas Brasileira como estratégia de obterem legitimação, consolidação e consagração. Eles vão se alicerçar a partir de uma nova perspectiva na estrutura do campo intelectual, atravessado por ideias e práticas modernizadoras e pela revitalização do cenário cultural maranhense. Esse legado dá-se por meio de um grupo de intelectuais, herdeiros dos patronos literatos maranhenses. Tais que:

[...] buscavam exatamente se apropriar dessa herança representada no imaginário da Atenas Brasileira. Penso ser importante pensar a noção de herança como capital simbólico condensado, cujo legado é elaborado por gerações posteriores de intelectuais, capaz de ser apropriado por diferentes grupos e distintos objetivos. A noção de herança pressupõe uma tradição elaborada a partir de um referencial destacado como ápice de certa trajetória intelectual. Como não há, na maioria das vezes, testamento e nem herdeiros diretos, a herança simbólica é disputada por diferentes grupos e necessita de formas legítimas de apropriação, que possam operar uma transmissão verossímil de capital simbólico. (NASCIMENTO, 2011, p. 07)

Estes ‘novos atenienses’, considerados também como a ‘regeneração intelectual’ se consolidaram no âmbito da cultura literária maranhense como reprodutores de uma ‘Nova Atenas’, que teve como característica mesclar o passado de glórias (de forma a reverenciar a

memória dos imortais atenienses⁵ da antiga Atenas Brasileira) com o presente do ‘novo’. Este por sua vez institucionalizado com a “Oficina dos Novos” constituía a “mocidade estudiosa”, “um grupo mais ou menos coeso de jovens intelectuais conscientes da distância geracional e, por vezes, geográfica que os separava dos prógonos instituidores da Atenas Brasileira” (MARTINS, 2006: p.117).

Não obstante, esses intelectuais maranhenses, ainda que carentes de uma unidade temática e política definiam-se a partir de atuações no espaço regional, exclusivamente na capital, onde exerceram inúmeras atividades vinculadas as ‘letras’ e construíram representações voltadas ao passado, ligando-se ao imaginário dos epígonos fundadores da Atenas Brasileira do século XIX, tais como Gonçalves Dias, João Lisboa, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, Gomes de Sousa.

Os ilustres intelectuais que se destacaram na Província no decorrer do século 20, como Antonio Baptista Barbosa de Godóis, Antonio Francisco Leal Lobo, Antonio Lopes da Cunha, Aquiles de Faria Lisboa, Domingos de Castro Perdigão, Domingos Quadros Barbosa Álvares, Fran Paxeco, Inácio Xavier de Carvalho, José Maranhão Sobrinho, José do Nascimento Moraes, José Ribeiro do Amaral, Justo Jansen Ferreira, Manuel de Béthencourt, Raimundo Lopes da Cunha e Raul Astolfo Marques foram comumente os principais atuantes naquele período (MARTINS, 2006, p. 149-162 *Apud* NASCIMENTO, 2011, p. 1-2).

Esses intelectuais se apropriaram do ideário da Atenas Brasileira - além de obter legitimidade intelectual e afirmação – mas também como estratégia de acumular capital simbólico, possibilitado pela carreira literária, pois segundo Dorval do Nascimento:

A carreira literária, assim, participava de um conjunto de carreiras possíveis do sistema de dominação, vinculada ao campo político, e que permitia aos intelectuais, conforme o caso e as vicissitudes das disputas de poder, ocupar funções públicas de segunda ordem no quadro das carreiras dirigentes disponíveis, em geral como professores do Liceu Maranhense e/ou da Escola Normal, diretores da biblioteca pública e da imprensa oficial e, no limite, secretário geral do Estado, funções distantes de carreiras dirigentes rentáveis e de prestígio como as de deputado federal, governador de Estado e senador, ápice do espectro de carreiras dirigentes na Primeira República (NASCIMENTO, 2011, p. 2).

O campo se organizava também, a partir das disputas entre os próprios intelectuais, como por exemplo, a Oficina dos Novos que constituía o lugar de onde emanava a resultante

⁵ Ilustres intelectuais da primeira metade do século XIX, notadamente “Gonçalves Dias, João Lisboa, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Gomes de Sousa”, constituíram o glorioso passado literário maranhense.

das inquietações desses intelectuais, configurou-se um clima de rivalidade de seus membros mais destacados, Antonio Lobo e Nascimento de Moraes (MARTINS, 2006: 113). Muitas das vezes estas disputas atendiam a demandas do campo político, “mas que, mais caracteristicamente, importava em uma concorrência para acumular capital simbólico em um meio social desprovido de condições mínimas de exercício da carreira intelectual, em vista da inanição de um mercado consumidor de bens simbólicos” (NASCIMENTO, 2011: p.02).

Nesse aspecto os “novos atenienses” empreenderam estratégias de consagração, a partir do acúmulo de capital simbólico e do acesso a diversas carreiras no aparato burocrático do Estado, como “presidentes da província, secretários de estado da província, juízes, fiscais de higiene pública, professores, no legislativo central, provincial e local, como senadores, deputados e vereadores, enquanto liberais autônomos como advogados, tipógrafos, redatores, jornalistas” (BORRALHO, 2009, p. 19).

O capital simbólico foi uma das principais fontes para se acumular capital econômico, cultural e científico, viabilizado propulsoriamente pelas entidades que os próprios intelectuais fundaram, tais como: a Oficina dos Novos (1900), Renascença Literária (1901) Academia Maranhense de Letras (1908), Faculdade de Direito (1918), Faculdade de Farmácia e de Odontologia (1922) e o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (1925); animaram publicações periódicas como *Philomathia* (1895-1896), *Os Novos* (1900-1902), *A Renascença* (1902), *O Ateniense* (1915-1918), *Revista Maranhense* (1916-1920), dentre outros. A historiografia os celebra como os intelectuais que promoveram a ‘regeneração intelectual’ do Maranhão (MORAES, 1979, p. 203 *Apud* NASCIMENTO, 2011, p. 3-4).

Desse modo, o campo intelectual maranhense da Primeira República se ergueu apropriando-se do legado simbólico, a Atenas Brasileira, deixado pelos seus epígonos ou mestres da literatura maranhense de outrora, como uma estratégia de se consagrarem intelectualmente, culturalmente e simbolicamente, portanto “tiveram uma importante atuação no âmbito regional, mas não alcançaram o estrelato nacional que almejavam. Olhavam para o céu literário da capital da República, onde algumas estrelas maranhenses brilhavam solitárias, e este lhes parecia uma realidade longínqua. O céu maranhense definitivamente não tinha estrelas” (NASCIMENTO, 2011, p. 8).

Referências

1) Obras:

BORRALHO, José Henrique de Paula. *A Athenas Equinocial: A fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. Tese. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

DINIZ, Leudjane Michelle Veigas. *Nas Linhas da Literatura: um estudo sobre as representações da escravidão no romance O Mulato, de Aluizio Azevedo*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

FARIA, Regina Helena Martins de. *A Transformação dos Trabalhos nos Trópicos: propostas e realizações*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001.

MARTINS, Manoel Barros. *Operários da saudade: Os Novos Atenienses e a invenção do Maranhão*. São Luís: Edufma, 2006.

2) Artigos em periódicos

BARROS, Antônio Evaldo Almeida. “Acorda Ateniense! Acorda Maranhão!”: Identidade e tradição no Maranhão de meados do século XX (1940-1960). *Ciências Humanas em Revista – São Luís*, v. 3, n° 02, dezembro 2005. Pp. 73-89, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo Gomes de. *Os Novos Atenienses: saudade e poesia como invenção do Maranhão*. *Ciências Humanas em Revista - São Luís*, v. 5, número especial, junho 2007. Pp. 135-144, 2007.

NASCIMENTO, Dorval do. *Nosso céu não tem estrelas: O campo intelectual maranhense na Primeira República*. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho 2011*. 2011.

Sites:

http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/antonio_barros_v3_n2.pdf
Acesso: 24 de Abril de 2013.

http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2007_3/eduardo_oliveira_v5_ne.pdf
Acesso: 24 de Abril de 2013.

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307966101_ARQUIVO_TextoCompletoOCampoIntelectualMaranhenseNaPrimeiraRepublica_SNH_2011_.pdf
Acesso: 24 de Abril de 2013.

